

mãe
francisco ramalheira



SAÍDA DE EMERGÊNCIA
livros para fugir da rotina

**PARA O MEU AVÔ.
TEMOS MUITAS SAUDADES.**

**«CONTAR HISTÓRIAS É UMA DAS MAIS
BELAS OCUPAÇÕES HUMANAS.»
EÇA DE QUEIROZ**

1

UM OBJETO DO PASSADO

Ansiosa por chegar a casa, uma jovem destemida atalhou por um beco escuro e nauseabundo, pouco recomendado a quem queria manter-se afastado de problemas.

Ao dobrar a esquina, apertou a máscara do rosto e estugou o passo. Sabia que, naquela zona do Setor 47, era preciso ter os sentidos bem apurados pelo que procurou afastar da mente o duche fresco de descontaminação que a aguardava e concentrar-se no caminho que ainda tinha por fazer. Foi nessa altura que ouviu, atrás de si, o som ténue de passos vacilantes.

Se é um ladrão, é ainda um novato. Alguém mais experiente não faria barulho.

Precavida, estreitou os límpidos olhos azuis, retesou os músculos e preparou-se para a eventualidade de ter de se defender.

Não pode ser um bandido, procurou convencer-se. Toda a gente me conhece neste setor. E ninguém teria coragem de assaltar uma Mãe.

Ao mesmo tempo que exalava um suspiro de alívio, a cadência dos passos que a perseguiam aumentou. Como resposta, a jovem começou a correr. Não para fugir, mas para perceber as intenções da pessoa que vinha atrás de si. E quando o seu perseguidor acelerou o passo, ela não teve dúvidas de que a queriam assaltar.

Logo hoje que o dia foi tão cansativo... Sempre que há chuvas ácidas no Exterior, temos filtros da cúpula a avariar.

Resignada, rodou de repente sobre os calcanhares para encarar a criatura que a seguia. Era um encapuzado pardacento e entroncado, cujo rosto adornado com uma máscara enegrecida só deixava de fora os olhos trémulos e suplicantes. Aliviada, constatou que aqueles não eram os olhos de um bandido. Como tal, não seria necessário aplicar os conhecimentos de artes marciais que aprendera nas escolas do Governo Mundial. Contudo, ao ver uma mão trémula alcançar uma arma com uma pequena lâmina não hesitou, baixando-se rapidamente para apoiar as mãos no solo, de forma a poder usar as pernas para desferir um pontapé certo nos membros inferiores do meliante.

O som da queda ecoou pelo beco bafiento, ao qual se seguiu o inconfundível estalido de uma cana de nariz a ser rachada. De cotovelo em riste, uma

jovem franzina, de pequena estatura e enorme coragem, tirou a pequena faca da mão do seu perseguidor, cujos urros lancinantes reverberavam pelo beco.

— Como te chamas? — perguntou, num tom ríspido, autoritário e desprovido de qualquer remorso.

Como resposta, o candidato a ladrão limitou-se a gemer e a choramingar, sem nunca largar o nariz ensanguentado. Por isso, a jovem teve de lhe dar um beliscão.

— Não gosto de me repetir. Qual é o teu nome?

— Louis — replicou o assaltante, lamurioso. — Tu agrediste-me!

— Se não o fizesse, atacavas-me. Ou ias usar essa faca para coçares as costas? — perguntou, enquanto tamborilava com aparente despreocupação a pequena arma branca por entre os dedos.

Louis emudeceu. Tinha demasiadas dores para falar.

— Porque me assaltaste? É óbvio que não és competente nesta área.

Louis voltou a não responder. No entanto, a jovem reparou que ele baixara os olhos. Não a conseguia encarar.

— Não és um bom ladrão e também não gostas de roubar. Depreendo, portanto, que foste obrigado a isso — replicou, ao tirar uma pequena bolsa do manto. — Não precisas de me contar a tua história. Todos temos os nossos problemas neste mundo. Só te peço que não voltes a roubar. Se me atacasses com esta faca, a minha ferida acabaria por sarar, mas a tua iria atormentar-te até ao fim dos teus dias. Os remorsos podem durar uma vida inteira.

Ao ver que aquela estranha mulher lhe depositava um bloco inteiro com senhas de refeição na mão, Louis não conseguiu evitar que as lágrimas lhe molhassem a máscara. Não se conseguia lembrar da última vez que não tivera fome. A sua benfeitora já lhe tinha virado costas para continuar o seu caminho, quando o rapaz gritou:

— A minha irmã mais velha foi vítima da pandemia do Setor 24. E eu deixei de conseguir pagar a renda da casa. Arranjei emprego há pouco tempo no 47, mas quando cá cheguei era tudo um esquema e...

— Isso não é desculpa para assaltares as pessoas — interrompeu-o a jovem. — Mas se chegaste há pouco tempo é normal que não me conheças: eu sou uma Mãe.

Debaixo da máscara encardida, os olhos amedrontados abriram-se de espanto.

— Não sabia que era uma Mãe! Rogo-lhe que me perdoe — pediu Louis, de cabeça baixa e joelho no chão. — Nunca poderia adivinhar! Ainda é tão nova...

— Tenho vinte e dois anos. Já tenho idade suficiente para tentar que este mundo seja um bocadinho melhor — disse a Mãe, endereçando-lhe um pequeno cubo branco. — Este é o meu cartão. Trabalho na GreenAir. Passa lá amanhã bem cedo e pergunta por mim. Vou arranjar-te um trabalho na equipa de manutenção dos filtros.

Embasbacado com uma bondade que nunca tinha visto, Louis carregou no botão circular do cubo, aparecendo um holograma com a imagem de uma bonita mulher de longos cabelos negros e olhos claros.

— O seu nome é Margarida Travis — sussurrou ao ler o texto que acompanhava a imagem holográfica.

— Exato. E garanto-te que, da próxima vez que tentares roubar alguém, não te escapas apenas com um nariz partido.

*

AO CHEGAR, FINALMENTE, A CASA, MARGARIDA ENCONTROU um sobrescrito amarelado na soleira da porta. Não se lembrava de alguma vez ter recebido uma carta. Afinal de contas, em 2099 já ninguém utilizava essa forma de comunicação. Desconfiada, pegou no objeto digno de um filme antigo, constatando que lhe estava endereçado. Ficou petrificada. Sabia que as cartas apenas eram usadas no submundo, para transmitir informações confidenciais e potencialmente subversivas. Eram a única forma de comunicação que não era controlada pelo Governo Mundial.

Com o coração aos pulos e os dedos trémulos, rasgou o envelope. E quando viu o nome do emissor sentiu a consciência a querer fugir-lhe. Sofregamente, leu o conteúdo da missiva e, ao terminar, tinha os olhos azuis marejados de lágrimas e o peito inflamado com a centelha de luz que o invadiu.

Pela primeira vez em muito tempo, teve a ilusão de que o futuro poderia ser risonho.

A-a... a Academia da Esperança. Existe mesmo!

2

O BEM MAIS VALIOSO DA HUMANIDADE

Uma trombeta desafinada ecoou nos altifalantes do fato de refrigeração, anunciando que o dia de trabalho tinha acabado.

Margarida suspirou de alívio e limpou o suor que lhe escorria pela fronte. A máscara plastificada, que lhe adornava o rosto e deixava a descoberto apenas os olhos, estava encharcada e os poros que polvilhavam a sua pele láctea guinchavam em agonia devido ao calor.

Embora aquele dia estivesse ameno — afinal de contas, as temperaturas nem chegavam aos 50 graus —, a jovem engenheira da GreenAir passara algumas horas na cúpula do Setor 47 a fiscalizar os filtros de ar que protegiam os cidadãos daquele aglomerado habitacional. Quando saiu da cúpula, Margarida foi para o duche purificador, usando a água fria dos dois minutos a que tinha direito para limpar as impurezas do corpo e da mente.

Nos dias em que tinha de subir até ao ponto mais alto do setor, o que mais custava não eram as temperaturas abrasadoras. Era o facto de que, dali de cima, conseguia ver o céu. O tenebroso e sombrio manto que cobria o planeta e que era tão escuro e denso que tornava impossível distinguir o dia da noite. Margarida sentia que aquele céu era o reflexo da Humanidade. Escuro e frio. Ao olhar para ele, não conseguia deixar de pensar como o mundo poderia ser diferente se os Antigos não tivessem sido tão egoístas.

Naquele dia, ao terminar a jornada de trabalho, sentia-se extenuada. Fora um dia duro. E grande parte do seu cansaço devia-se à boa notícia que recebera na noite anterior e que a entusiasmara ao ponto de lhe roubar o sono e desacelerar a passagem do tempo.

O seu coração palpitava de ansiedade. Por isso, decidiu ir a um sítio que lhe trazia sempre paz. No interior da única igreja que ainda se mantinha erigida no setor, Margarida estava sentada no que restava de um banco de madeira, a observar o céu.

Não que fizesse muita diferença, pois a tonalidade nunca mudava. Fosse dia ou noite. Estivesse bom ou mau tempo. Variava somente a tonalidade do cinzento ou o acentuar do negrume. Segundo os Antigos, antes daquele espesso manto de poluição se apoderar dos céus, era possível olhar para cima

e vislumbrar um espetáculo magnífico. Margarida vira imagens do céu antes do Desastre: dotado de um azul cristalino e nuvens de alvura imaculada que, por vezes, tapavam um astro brilhante, o Sol. Recordava com nostalgia a avó a descrevê-lo como a mais bonita pintura de sempre, que irradiava luz e emanava calor. Mas a Humanidade tinha de estragar um planeta tão belo.

Com um suspiro audível, levantou-se e voltou a olhar para cima. Através do enorme buraco do telhado, contemplou a negrura do céu que se espalhava para lá da cúpula transparente. Era esta cápsula protetora que envolvia as áreas limítrofes de todos os setores e impedia que as impurezas do Exterior chegassem até ao Mundo Civilizado.

Sempre que entrava naquela velha e decrépita igreja, sentia-se perto da *sua* velhota. Sentia-se em paz. Lembrava-se dos passeios que davam e das histórias que a maravilhavam. Histórias de um tempo em que as pessoas eram livres e ninguém controlava onde podiam ir ou o que eram autorizadas a fazer. Agora a avó já não lhe podia contar histórias. Contudo, o conforto que aquele lugar lhe trazia era mais do que suficiente para apaziguar o coração e prepará-la para uma noite que sabia que seria especial.

Talvez por isso tenha decidido ir até à igreja.

A avó explicara-lhe que, ao longo da História da Humanidade, a religião sempre servira para controlar as massas. Por isso, e na impossibilidade de o Governo Mundial controlar todos os credos e crenças num mundo frágil e propenso a extremismos, optou-se pelo caminho mais fácil: a extinção das religiões. Fora uma decisão que, numa primeira instância, parecera impossível de cumprir. Contudo, os sobreviventes do terrível triénio, conhecido como «o Desastre», ficaram de tal forma traumatizados e desesperados com a sucessão de tragédias vivenciadas que se tornou difícil acreditar na existência de um Deus encarregue de os amar e proteger. Em 2099, já ninguém sabia rezar.

Embora Margarida duvidasse da existência de uma entidade divina e metafísica que zelasse por si, não resistiu a entoar uma prece a quem a quisesse ouvir. Uma prece pelo futuro e pela felicidade dos seus filhos, a sua maior fonte de alegria e, proporcionalmente, a razão pela qual tinha dificuldades em adormecer à noite.

Fora a primeira vez que rezara. Pelo menos, que se lembrasse. Aquela era um dia diferente e ela não se lembrava de alguma vez se ter sentido tão nervosa.

O futuro era incerto. A cada dia que passava, o mundo tornava-se mais perigoso e inóspito, com fenómenos naturais violentos e pandemias cada vez

mais letais. Após o Desastre, a maioria das áreas do planeta Terra haviam-se tornado áridas e impossíveis de habitar, pelo que houve a necessidade de reestruturar o panorama global. Desta forma, os sobreviventes foram aglomerados em setores, ou seja, locais que ainda apresentavam o mínimo de condições para a vida humana subsistir.

Poucos queriam trazer crianças para um mundo opressivo, onde cada dia se travava uma batalha pela sobrevivência. E, daqueles que queriam, muitos acabavam por não conseguir, ou não fosse a infertilidade uma maleita que afetava cada vez mais homens e mulheres, transformando um nascimento de um bebé num acontecimento raro e digno de aclamação. Os teóricos debatiam se a principal causa da extinção da Humanidade seria um cataclismo de proporções catastróficas ou, simplesmente, o término da reprodução humana.

Margarida pertencia ao Setor 47, local que acolheu sobreviventes de um país anteriormente chamado Portugal. Naquele instante, sorria ao pensar que, antigamente, havia *países*, áreas delimitadas por fronteiras e, imagine-se, com um nome. Achava essa forma de organização muito mais bonita do que a atribuição numérica que a fazia sentir-se uma presidiária.

E se fosse só isto que me faz sentir uma prisioneira...

Ao chegar à saída da igreja, Margarida ajeitou a máscara, prendeu os longos cabelos negros, ajeitou o modesto vestido branco — que contrastava com a indumentária escura e acinzentada da grande maioria das pessoas — e praguejou entre dentes quando os seus olhos cansados perceberam que caía uma chuva miudinha. Embora fosse um fenómeno meteorológico de enorme raridade, quando ocorria nunca se ficava por umas meras pingas. A água potável era um bem escasso e os solos férteis eram uma raridade ainda maior, pelo que, nos dias em que chovia, os governadores de cada setor recebiam ordens para abrirem a abóbada da cúpula, deixando entrar a água, que era purificada nos filtros localizados por baixo das aberturas, de forma a garantir que detritos, radioatividade e outros perigos não chegassem à população.

No entanto, era quase certo que naquela noite viria uma tempestade, por isso Margarida tinha de se apressar para reforçar as janelas e o teto da sua casa. A última intempérie fora de tal forma violenta que vários dos filtros da redoma cederam, caindo um verdadeiro dilúvio sobre o Setor 47. Na sua casa, o contraplacado e as telhas plastificadas cederam, começando mesmo a chover no meio da sala e no quarto da bebé.

Ainda bem que fui ao supermercado à hora do almoço, pensou, apalpan-do no bolso, com uma mão, as senhas de refeição que tinham sobrado, e

segurando o saquinho das compras com a outra. Aquele era um dia especial, pelo que se permitiu cometer uma extravagância financeira, adquirindo uma maçã para cada membro da família. Uma maçã verdadeira! Não em comprimido. Sabia que a fruta era um bem de luxo, mas quando viu aquelas maçãs disformes e avermelhadas, guardadas no cofre transparente em exibição na banca, não conseguiu resistir. Mal conseguia esperar pela reação dos seus filhos quando vissem que levava para casa «comida verdadeira». Com determinação, tirou da mala um comando com um grande botão vermelho, que pressionou com força. De imediato, uma bolha transparente e climatizada cresceu à volta do aparelho, envolvendo paulatinamente as formas do seu corpo numa grande capa transparente. Antes de guardar o comando, olhou para o pequeno ecrã monocromático.

Caramba, no exterior estão 57 graus Celsius...!

Sempre que chovia e as redomas que envolviam os setores se abriam, era certo que havia um súbito aumento da temperatura. Tal acontecia porque os vapores refrigerados, que ajudavam a tornar suportável a vida dentro da redoma, não tinham capacidade para combater as massas de ar quente que provinham do exterior. Estas mudanças de temperatura doentias eram apenas mais uma razão para os habitantes não saírem de casa. Devidamente protegida da chuva e resignada com o facto de ficar empapada em suor assim que metesse o pé fora da igreja, Margarida estugou o passo. Afinal de contas, carregava um bem precioso. E «comida verdadeira» era uma tentação para o mais honesto dos homens.

À sua frente estendia-se um conjunto conspurcado de vielas escuras, repletas de todo o tipo de dejetos e de meliantes. Infelizmente, no Setor 47, muitos não tinham uma casa, pois não havia espaço para construir mais habitações. Embora o Governo Mundial facultasse dormitórios públicos e máquinas com filtros, a verdade é que pouco conseguia fazer pela limpeza das ruas.

O odor a suor, urina e álcool era suficientemente intenso para queimar os pelos do nariz de todos os que não estavam habituados a passar por ali. Mas Margarida nem sentia o cheiro agonizante, pois já estava vacinada para este tipo de odores nauseabundos. Crescera com aqueles aromas e habituara-se à sua inalação. O característico cheiro a morte, podridão e decadência fazia parte do seu quotidiano. Do seu e de grande parte da população mundial. Em vários setores, os governadores penduravam purificadores com odores florais nas ruas, mas a verdade é que estas traquitanas perfumadas de pouco ou nada serviam.

À medida que abandonava as vielas mais recônditas e se aventurava pelas ruas principais, estas começavam a pejar-se de todo o tipo de gente. Nos finais de tarde, as ruas ficavam cobertas de pessoas acabadas de sair do trabalho, vendedores de rua e velhos descabelados, que se sentavam com os seus pares para jogarem nos *tablets* e navegarem pela WatchYou, a única rede social aprovada pelo Governo Mundial. Os bares enchiam-se de pessoas que queriam esquecer as vicissitudes daquele dia, afogando no álcool as mágoas de um dia de trabalho hediondo, de um casamento doente ou da chegada de uma doença terminal a mais um familiar ou amigo. À porta dos bares, as pessoas cambaleavam, abraçavam-se e vomitavam. Alguns entoavam cânticos em memória dos «bons tempos». Os tempos antes do Desastre. Era nesta hora que emergiam os alcoólicos e os especialistas na arte do furto das senhas de racionamento, que se escondiam nas sombras, esperando, pacientemente, pela passagem dos mais incautos. No entanto, Margarida não tinha medo deles. Não tinha receio da *sua* gente. E a todos dedicava um sorriso terno, que era retribuído com sinceridade.

De quem ela tinha medo era daqueles que trajavam a farda rubra e negra, botas de cabedal, cassetete nodoso, pistola no coldre e uma traquitana tenebrosa presa ao dedo, denominada *laserfinger*. Os únicos que não sorriam. Estes eram os soldados da Milícia Armada do Governo Mundial e a sua tarefa era matar à nascença qualquer escaramuça, protesto ou o mais inocente e débil ato de rebelião que pudesse pôr em causa o Governo Mundial.

Porém, os homens da Milícia Armada não eram os únicos portadores de armas.

Era rara a pessoa que se aventurava na rua sem, pelo menos, uma arma a tiracolo ou uma faca presa nas calças. Nos mercados negros até já era possível encontrar a tão famigerada arma do Governo Mundial, pelo que era cada vez mais usual ver populares com um *laserfinger* no indicador. Margarida arrepiava-se sempre que passava por alguém que envergava aquela estrutura de metal em volta do dedo, que permitia o disparo de *lasers* coloridos muito mais letais do que as tradicionais balas. Os *laserfinger* eram proibidos e a sua utilização carecia de autorização do Governo Mundial, sendo os infratores desta norma severamente punidos pelas autoridades. Margarida desconfiava que esta proibição não se devia à letalidade da arma, mas porque o Governo Mundial queria garantir que os seus agentes eram os únicos que se faziam acompanhar do «apontador da morte», como era conhecido nos setores, dando-lhes, assim, uma inegável vantagem.

Nos últimos meses, Margarida via cada vez mais indicadores serem

guardados no bolso ou no interior de um manto, à medida que a Milícia Armada passava. O descontentamento do povo crescia e ela temia que este sentimento se descontrolasse. É verdade que tinha muitas falhas a apontar ao Governo Mundial, mas a sua queda implicaria mortes e sofrimento. Ainda mais. E, por isso, se calhar era preferível as coisas ficarem como estavam. O ser humano tinha a capacidade de se habituar a tudo. Até quando atentavam contra os seus direitos fundamentais.

Embora os militares da Milícia estivessem em quase todas as ruas, raramente intervinham em assaltos ou atos de violência que não tivessem maledicência para com o Governo Mundial. As escaramuças populares não lhes diziam respeito. Era por isso que homens, mulheres e crianças andavam armados nas ruas. Não tinham outra forma de se protegerem.

Margarida era uma das poucas que se aventuravam desarmadas fora de casa. Não por ser corajosa, mas porque era uma Mãe. E era difícil encontrar um cargo mais respeitado no Mundo Civilizado. Nem o mais perverso e aviltado dos seres teria coragem de roubar ou fazer mal a uma Mãe. Todos no Setor 47 conheciam e admiravam a menina Margarida Travis, pois apesar da sua juventude dera guarida a cinco crianças que haviam perdido os pais.

Dizem-nos as leis mais básicas da economia que a escassez de um bem é o que avalia o seu valor. Por isso, no Mundo Civilizado, as crianças eram consideradas o bem mais valioso da Humanidade.

Ou não estivessem em vias de extinção.

3

UMA VISITA MUITO ESPERADA

Margarida chegou a casa encharcada. Depois de o leitor da porta lhe analisar as íris e autorizar a entrada, suspirou de alívio e pousou as mãos no móvel plastificado da entrada. Desapertou a máscara que a impedia de respirar as impurezas do ar, deixou a sua roupa na zona de descontaminação, ligou o purificador de oxigénio e, com um grito caloroso, chamou pelos filhos.

Aquele era o momento do dia de que mais gostava.

Margarida queria ter filhos desde que se lembrava de existir. Passara a infância agarrada à Júlia, uma boneca de trapos que a sua avó lhe fizera, e que a menina enchia de amor e carinho em todas as suas brincadeiras. Por isso, quando soube que no Setor 47 havia órfãos a precisar de uma família, nem pestanejou. Havia pessoas com muito mais condições para receber as crianças. Casais com casas decentes, adultos mais velhos ou com melhores vencimentos. Porém, todas essas pessoas assobiaram para o lado e fizeram de conta que não viam o que se passava diante dos seus olhos. No entanto, Margarida não foi capaz de olhar para o lado. Não se preocupou em saber se tinha dinheiro suficiente para dar de comer a tanta gente ou se caberiam todos na sua humilde habitação. Como dizia a sua avó, o mais importante era haver amor. E isso nunca faltou na casa de Margarida.

Ao ouvir as vozes entusiasmadas das crianças, a mãe permitiu-se relaxar e, não se contendo, tirou uma maçã da saca fechada hermeticamente e deu-lhe uma grande dentada. Ficou de olhos fechados, em êxtase com o sabor exótico que as suas papilas gustativas há muito não sentiam, procurando acalmar o coração que lhe ribombava no peito.

Por um lado, entusiasmava-se com a possibilidade de a sociedade secreta, que o povo acreditava ser a salvação da Humanidade, existir. Mal conseguia conter a excitação e a emoção pela conversa que a esperava naquela noite. Por outro lado, aterrorizava-a a hipótese de a Academia da Esperança não ser o que as lendas contavam e que aquela reunião lhe suprimisse a fagulha de esperança que tinha num futuro mais risonho. Ou, pior, que aquela carta não passasse de uma muito bem elaborada brincadeira, de um ser desprezível

qualquer que, sabendo que ela vivia em constante preocupação pelo futuro dos seus filhos, resolvera aplicar-lhe a mais cruel das partidas.

Estas apreensões evaporaram-se do seu espírito quando as suas crianças a agarraram, num abraço coletivo sufocado que tinha o condão de relativizar a importância de qualquer problema.

Margarida estava a distribuir as maçãs pelos filhos quando o som da campainha a fez dar um salto.

Chegaram! A Academia está aqui!

Com o susto, a maçã farinhenta que roía caiu redonda no chão, rolando escassos centímetros pelo soalho puído e desgastado pelo passar dos anos. Dada a enorme escassez de fruta, verduras e todo o tipo de alimentos dados pela terra, a lei imposta pelo Governo Mundial considerava crime atirar comida para o chão. Como tal, noutra ocasião, Margarida apanharia a maçã de imediato, enquanto pediria desculpa entre dentes por aquela inqualificável falta de respeito. Todavia, desta vez o fruto permaneceu no chão. Com os nervos a borbuharem, pediu aos seus meninos para fazerem pouco barulho, esperando que eles se afastassem para correr o ferrolho. Enquanto a porta se abria, o coração de Margarida saltitava-lhe no peito e acelerava à medida que surgia aos seus olhos um homem com a fisionomia e o traje de quem não pertencia ao Setor 47, confundindo-se quase com o negrume das ruas.

— Boa-noite, Margarida — cumprimentou-a, à medida que tirava a máscara.

A jovem ficou estarrecida ao ver o rosto do recém-chegado. De imediato, o suor acumulou-se-lhe nas têmporas. À sua frente estava o diretor executivo da GreenAir, a maior empresa de purificadores de ar do mundo.

O que é que ele está aqui a fazer?

Margarida queria desesperadamente fazer uma infinita miríade de perguntas, mas o olhar vítreo do seu interlocutor fê-la hesitar e da sua boca não saiu o mais singelo dos sons.

— Aqui não — limitou-se o recém-chegado a proferir, adivinhando a intenção da bonita jovem. — Posso entrar?

Margarida afastou o cabelo que pendia sobre a testa e fez sinal com a mão direita para que a visita entrasse.

A sua vida tinha acabado de mudar.

4

THOMAS DENZEL

Margarida não conseguia tirar os olhos do homem de sorriso afável que acabara de descalçar as pesadas botas negras de couro, colocando-as na sapateira da entrada.

O indivíduo de tez negra tinha seguramente mais de dois metros e uma largura de ombros que a fazia sentir-se segura em qualquer viela do setor. Mesmo naquelas onde pontificavam os laráprios mais perigosos. As rugas e os cabelos esbranquiçados do homem de meia-idade davam-lhe um ar distinto. As vestes eram tingidas de negro, desde o casaco de cabedal aos *jeans* e ao manto que lhe cobria a cabeça. De repente, aquele que era um dos homens mais poderosos do Mundo Civilizado tirou uma pistola do coldre, rodou rapidamente sobre os calcanhares e apontou para a porta. O disparo foi mudo e só passados uns segundos de mutismo surgiu um zumbido, que aumentou irritantemente de intensidade, até se extinguir tão depressa como aparecera.

— Eu sou o coronel da Academia da Esperança. O meu nome é Thomas Denzel — apressou-se o homem de negro a apresentar-se, oferecendo a Margarida novo imaculado sorriso.

— O senhor é o meu patrão. Eu trabalho na GreenAir.

— Eu sei que sim, minha querida. Não foste lá parar por acaso.

Embora nunca tivesse falado com aquele homem, Margarida sentiu um grande alívio quando o viu. Thomas Denzel era reconhecido como um líder justo e humanista, tendo aquilo que poucos líderes mundiais detinham: respeito popular. Era reconfortante saber que era um homem deste calibre que estava na Academia da Esperança.

— Peço desculpa se te assustei — disse Thomas —, mas não poderia falar sem me certificar de que esta casa estava sem escutas. Esta pistola dispara um sensor que apitaria caso a tua casa estivesse sob o escrutínio do Governo Mundial. É o último grito para «desbugar» as casas.

A jovem sentia-se a viver um daqueles filmes de espões que, de vez em quando, passavam na televisão. Embora não fossem criados filmes novos há mais de trinta anos, Margarida era uma entusiasta da sétima arte, em

particular de filmes de espionagem, pelo que, mais do que a atemorizar, aquele momento injetou-lhe uma generosa dose de adrenalina nas veias.

Apercebendo-se da estupefação que a sua ação criou, Thomas redobrou o pedido de desculpas e acrescentou:

— Importas-te que faça mais uma coisa?

Margarida anuiu, autorizando o estranho a aproximar-se e pegar-lhe com ternura no pulso, enquanto tirava do bolso do casaco de cabedal um estranho dispositivo cilíndrico, que encostou à sua pele. O objeto emitiu um ligeiro som, que apitou de forma ininterrupta por uns segundos, até se calar abruptamente.

— Acabei de desativar o teu localizador.

— L-localizador? O que é isso?

— Um *microchip* que tens aí. — Thomas apontou para a cabeça de Margarida. — É uma forma de o Governo Mundial saber onde estás e o que sentes. Os nossos *queridos líderes* sabem sempre quem está exaltado e onde.

Localizador? Mas que raio...? Nunca ouvi falar de tamanha atrocidade! Um controlo desses é sequer legal?, cogitava Margarida febrilmente.

Ao notar a incredulidade da sua interlocutora, Thomas apressou-se a esclarecer:

— Isto é informação classificada e é um dos segredos mais bem guardados do Governo Mundial. Poucos sabem da existência destes localizadores.

— Mas se desativou o meu localizador e se o sistema informático do Governo Mundial é atualizado diariamente... não vão dar pela minha falta?

Que miúda tão esperta..., concluiu Thomas antes de responder:

— O teu localizador foi desativado... de forma especial. Este aparelho foi criado por Matthew Krone, um dos nossos mais brilhantes cientistas, que concebeu um mecanismo que desativa o GPS, mas continua a enviar os teus dados para o sistema central. Ao tocar-te, o dispositivo analisou os teus padrões de comportamento, hábitos e sítios por onde te deslocas, indo buscar essa informação ao teu quotidiano do último mês. Posteriormente, envia os elementos recolhidos para as bases de dados do Governo. Desta forma podes andar por onde quiseres, que eles vão continuar a receber a informação que os leve a pensar que estás a ter dias corriqueiros.

— M-mas isso é incrível, senhor diretor — balbuciava Margarida, sem tirar os olhos do local onde aquele estranho dispositivo lhe tocara.

— Trata-me por Thomas, por favor — replicou o coronel com sinceridade. — Afinal de contas, vamos ser colegas e...

A voz grave e profunda do homem da Academia esvaiu-se num murmúrio. No final do exíguo corredor estavam cinco crianças — dois rapazes e três raparigas — que, encostadas umas atrás das outras, observavam com atenção, e alguma desconfiança, o estranho que quase tocava com o cocuruto da careca no teto.

Para espanto geral, os olhos grandes e amendoados de Thomas ficaram marejados de lágrimas. O gigante aproximou-se lentamente das crianças e prostrou-se de joelhos à sua frente, observando os rostos infantis que tinha diante de si. Para justificar a sua atitude, virou-se para trás, dizendo a Margarida:

— Já não me lembro da última vez que vi tantas crianças juntas...

De seguida, o agente da Academia da Esperança levantou-se e baixou humildemente a cabeça na direção das crianças:

— Vocês deviam poder brincar em liberdade, na rua, ao sol e em cima das árvores.

Os cinco entreolharam-se, confusos com a utilização de palavras que não conheciam. A menina do meio perguntou à mais velha «o que é uma árvore?».

— Os adultos tiraram-vos a infância — entoou com a voz embargada. — Perdoem-nos.

Os meninos e meninas trocaram olhares atarantados, sem saberem o que responder, olhando para a mãe em busca de um socorro que não veio. Afinal de contas, Margarida estava tão aturdida quanto eles.

— Mas prometo que vamos fazer tudo para vos compensar. Ainda vão a tempo de conhecerem um mundo novo! Achem que vos posso dar um abraço?

As crianças voltaram a olhar para a mãe, que lhes sorriu em sinal de anuência. Com um ligeiro acenar de cabeça, os meninos deram autorização ao homem, que, embevecido, as envolveu no seu apertado abraço protetor.

5

O GOVERNO MUNDIAL

No gabinete do último andar do Palácio Governamental, um homem trajado com um sumptuoso fato negro encontrava-se defronte do janelão, com as mãos cruzadas atrás das costas, perscrutando a paisagem com atenção. Enquanto alisava as farripas de cabelo que lhe sobravam perto das orelhas, olhou para o luxuoso relógio dourado que lhe adornava o pulso. Eram quase 20 h. A hora definida pelo Governo Mundial como o início da noite.

O homem de fato negro estava na iminência de entrar na casa dos setenta anos. Tinha, por isso, conhecido o mundo antes do Desastre. No entanto, a sua posição não lhe permitia reconhecer publicamente a mão humana na existência deste cataclismo. Era seu dever garantir que as atividades económicas funcionavam e alimentavam a ínfima fração da Humanidade que delas necessitava para manter os seus privilégios.

Ao contemplar o céu enegrecido e as nuvens formadas pelos gases poluentes, o homem alto, calvo, de feições endurecidas e nariz abatatado, teve saudades de contemplar o verde das árvores, recordação que guardava num cantinho recôndito do seu ser e que sabia que não voltaria a vivenciar.

O homem chama-se Cray Clapton. O presidente do Governo Mundial que, amiúde, se questionava sobre a validade das suas ações e se revoltava por a ganância de alguns ter destruído, de forma irreversível, o planeta que era de todos.

Contudo, não era isso que o Governo Mundial advogava.

O declínio do planeta era uma consequência. A culpa não era do Homem e a Humanidade nada podia ter feito para evitar os cataclismos ambientais ou até mesmo a poluição que destruiu a atmosfera, trazendo com ela doenças respiratórias, a extinção de espécies ou a desertificação. O Governo Mundial propagandeava a mensagem de que a Humanidade precisava de encontrar outro planeta porque a *velhinha* Terra já cumprira o seu propósito. A Humanidade tinha de encontrar a sua Terra Prometida. No entanto, Clapton sabia que o povo, embora pouco letrado e submisso, cada vez acreditava menos nas patranhas do Governo Mundial.

E isso era perigoso.

Com um suspiro prolongado, dirigiu-se até à mesinha de apoio defronte da janela e serviu-se de um copo de brande. O médico proibira-o de beber, mas não se importava. Naquele momento só queria entorpecer os sentidos e, de qualquer das maneiras, estava condenado.

Se pudesse voltar aos meus tempos de criança... Quando um belo copo de água não era um luxo e uma simples caminhada à beira-mar apaziguava a alma. Quando não existia o Governo Mundial.

Cray Clapton nascera em 2030, ano conhecido pelo retumbante falhanço dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O mundo devia ter dado as mãos e redobrado esforços para alcançar os bem-intencionados objetivos delineados pela Organização das Nações Unidas. Porém, pouco ou nada foi feito. Especialmente por políticos com poder de decisão, que mantiveram a sua postura consumista, desigualitária e profundamente desrespeitosa com o ambiente. Afinal de contas, as políticas ambientais retirariam fortunas a quem já era imensamente rico.

Quando Clapton se fez doutor já tinha acontecido o Desastre. De 2043 a 2045, um conjunto sistemático e repetitivo de eventos destrutivos, que envolveram pandemias, cataclismos ambientais e sísmicos, assim como um aumento exponencial de doenças oncológicas, dizimou quase dois terços da população mundial.

O mundo nunca mais foi o mesmo. Ainda assim, a Humanidade não aprendeu a lição.

Os humanos são muito burros.

Neste malfadado triénio, as zonas habitáveis desapareceram a um ritmo avassalador. Os países desintegraram-se, com a soberania a passar, paulatinamente, para um novo organismo mundial que aglomerou personalidades dos mais diversos países e organizações, ficando conhecido para a posteridade como o Governo Mundial.

A primeira medida desta nova ordem fora garantir a sobrevivência daqueles que escaparam ao triénio demoníaco. Os sobreviventes amontoaram-se em setores, espaços habitacionais fechados, construídos com placas transparentes de carbono misturado com acrílico, que continham filtros e purificadores de ar nas suas extremidades. Desta forma, a poluição atmosférica e a temperatura eram facilmente controláveis. No fundo, cada setor era uma espécie de aquário imenso, com tubos e túneis subterrâneos interligados, que garantiam a circulação de oxigénio e de bens de primeira necessidade. Simplesmente, no seu interior, em vez de peixinhos tinham seres humanos.

Após acondicionadas no seu setor, as pessoas eram proibidas de voltarem ao exterior, sendo que todas as fronteiras estavam, naturalmente, controladas pelo Governo Mundial. E todos sabiam que aqueles que não cumpriam as regras não tinham um final feliz. Contudo, os sobreviventes também não queriam sair da bolha protetora, pois era do conhecimento geral o que os esperava fora dos aquários que rodeavam os setores: a morte.

Este ajuntamento facilitava as pandemias que grassavam anualmente as populações, pelo que cada setor estava munido do seu respetivo esquadrão médico, para o qual eram enviados todos aqueles que apresentavam sinais de doença grave, sendo de imediato escoltados para os búnqueres do setor. Muitos nunca voltavam.

Desde o Desastre, a função primária do Governo Mundial fora tentar, a todo o custo, que a espécie humana sobrevivesse num planeta que atingira o seu ponto de não retorno e onde a luta pela sobrevivência era uma ameaça constante ao altruísmo e à empatia, qualidades fundamentais para a construção de uma sociedade saudável. Por isso, a única forma de garantir a coesão social era recorrer à força. Mas, para essa força não redundar em motins, tinha de ser aceite. E a população só aceitava ser controlada se tivesse medo.

O Governo Mundial teve pela frente a tarefa hercúlea de garantir o controlo das massas.

Mas a verdade é que, ao longo dos anos, com a educação e a comunicação restritas e controladas, a mensagem veiculada foi, a pouco e pouco, entranhando-se nas mentes menos incautas, até se generalizar por todos os sobreviventes. O estudo da História fora abolido — quem não conhecia o passado não se poderia queixar do presente — e toda a informação dos meios de comunicação social e da internet era controlada pelo Departamento da Informação do Governo Mundial. Pouco depois, implementaram-se os localizadores. A partir de 2059, o Governo Mundial decidiu que, em todos os partos, tinha de ser implantado nos bebés um *microchip*. A restante população acabou por receber o seu localizador, sem o perceber, na visita seguinte que fizeram a um centro de saúde. Nesse *microchip* constava toda a informação pessoal e o cadastro, que eram atualizados diariamente numa base de dados central, assim como um sistema de GPS especial, que permitia ao Governo Mundial não só saber onde estão os habitantes de cada setor, como também medir as suas emoções. Deste modo, sempre que alguém se exaltava fora de casa, o *microchip* avisava o Governo Mundial e o microfone era ativado. E se a conversa fosse considerada subversiva... a Milícia Armada entrava em ação.

Cray Clapton ainda se admirava com a facilidade que o Governo Mundial tivera ao passar a sua mensagem por milhares de pessoas, manipulando os factos e recriando a realidade de acordo com o que lhes era mais conveniente. Ficou provado que era possível descartar a verdade, desde que se repetisse a mentira de forma veemente, repudiando energicamente e, por vezes, até com alguma violência, aqueles que ousavam apontar o dedo à «verdade» do Governo Mundial. Desta forma, em pleno 2099, já poucos sabiam o que verdadeiramente se passara.

Mas Clapton sabia.

Fomos nós que estragámos o nosso planeta, concluía, com azedume, enquanto esvaziava o copo pela segunda vez. Anos e anos de avisos sem qualquer efeito prático. Para salvar o mundo eram precisas mudanças profundas na ordem mundial. Mas os energúmenos que mandavam não queriam perder o seu poder, influência e riquezas. E, por isso, eram avessos a mudanças.

O governante sabia que, desde junho de 1972, conceitos como «ambientalismo» ou «sustentabilidade» começaram a fazer parte do léxico popular, com o mundo a aperceber-se da sua fragilidade e da imperatividade, para o seu próprio bem, de dar mais importância ao ambiente. Nos anos seguintes, milhares de cientistas avisaram a Humanidade de que caminhavam para o abismo e que era imperativo repensar estratégias ambientais e rever hábitos de consumo. A Humanidade, qual adolescente néscio e convencido, achava que sabia tudo sobre a vida e mandou os cientistas apanharem *pirilampos de dia*. Chamaram-lhes alarmistas, charlatões ou burlões com sede de protagonismo. Foram acusados de serem inimigos do capitalismo. Um insulto com cheirinho a elogio.

Alguns homens das altas finanças ainda ouviram os cientistas. Afinal de contas, e parecendo que não, a destruição do mundo era algo que afetaria todos. Ricos e pobres. No entanto, a redução da poluição significava mais gastos e investimentos, e, pior do que isso, uma diminuição drástica da produção. E tal significaria menos lucros. O que era absolutamente inconcebível para alguns engravatados que punham os cifrões como elemento número um da sua lista de prioridades. À frente da vida humana.

E com gente desta estirpe é difícil discutir.

Ao longo dos anos, certos comportamentos foram alterados, alguns acordos foram alcançados e certas metas foram traçadas a nível mundial. Houve manifestações e foram feitos documentários. E nasceu uma nova geração que parecia incomodada com o rumo que o planeta levava. As pessoas

saíram para a rua e exigiram aos engravatados que se preocupassem com o que era verdadeiramente importante.

Porém, o mundo precisava de uma revolução. Global, organizada e profunda. E as mudanças que ocorreram foram localizadas, desorganizadas e frugais perante a ameaça que, literalmente, pairava no ar. As alterações climáticas, um problema do presente, eram vistas como uma realidade de um futuro longínquo. Ao longo dos anos foram inúmeras as ocasiões nas quais os governantes com poder de decisão podiam ter dado o passo decisivo para a redenção do Homem perante o seu planeta. Mas nenhuma dessas oportunidades fora devidamente aproveitada, servindo apenas para confirmar que a ganância dos Antigos era superior à razão. E, quando tal acontece, a espécie humana caminha em direção à própria destruição.

Embora soubesse esta triste verdade, Cray Clapton aceitara dirigir a segunda organização mundial mais importante e a principal responsável pela maior mentira da História da Humanidade. Aceitou para poder apoiar o trabalho daquela que ele sabia ser a mais importante de todas as organizações mundiais: a Academia da Esperança.

Ao observar a bruma enegrecida revolver-se furiosamente por cima de um velho letreiro iluminado a néon com a palavra «padaria», a mente do velho empresário revisitou as notícias daquela manhã. Na zona leste do globo, um violento tremor de terra levou a que um maremoto de águas negras atacasse as populações locais. As autoridades intervieram com rapidez, mas foram destruídos dez setores; três deles foram completamente obliterados, não havendo qualquer sobrevivente.

Claro que não foram estas as notícias que o Governo Mundial autorizou serem divulgadas pela imprensa. A catástrofe fora devidamente noticiada, mas o número de mortes foi adulterado, assim como a destruição causada. De parte ficaram os estudos sismológicos do Governo, que demonstravam ser uma questão de tempo até um fenómeno natural de grande dimensão ocorrer naquela zona do planeta. As gentes daquela dezena de setores estavam no mundo com um prazo de validade muito curto. Mas não convinha saberem que os líderes mundiais eram impotentes para as salvar. O Governo Mundial adulterava a informação porque não queria alarmar as suas gentes e o presidente era conivente com esta postura.

Por muitas voltas que o Governo desse, não encontrava no globo mais localidades onde alocar quase um milhar de seres humanos. A tecnologia usada nos filtros da atmosfera e no isolamento dos setores não era suficiente para permitir a sobrevivência humana na grande maioria dos locais da Terra,

já lavrados por intempéries, com temperaturas excessivas e com um nível de poluição tão elevado que não havia máscara com filtro que funcionasse em pleno. Por isso, não havia outra solução que não fosse colocar pessoas a viverem naquela zona tão instável do ponto de vista sísmico.

O desespero já tinha chegado a esse ponto.

A Humanidade estava condenada, mas a divulgação desta verdade arrasadora só traria o pânico generalizado. E nada de bom poderia advir daí. Com o Mundo Civilizado em ebulição, seria muito mais difícil a derradeira esperança de a Humanidade fazer o seu trabalho. Todavia, Cray Clapton fartara-se de mentir.

A Academia da Esperança não pode continuar sozinha a sua demanda... O Governo Mundial tem de assumir o que verdadeiramente se passa! Pela primeira vez em quase sessenta anos.

Clapton estava há muito tempo confuso e sem certezas sobre qual seria a melhor decisão. Contudo, naquele momento, tinha-se finalmente decidido. Aquele tempo de introspeção depois de um longo dia de trabalho tinha-lhe feito bem para clarear as ideias. Ele era o líder. Cabia-lhe fazer o que várias gerações de dirigentes mundiais não fizeram: agir. E seria já amanhã! Seria difícil e explodir-lhe-iam umas quantas bombas em cima. Mas, ao menos, poderia voltar a dormir bem à noite.

Revigorado pela resolução tomada, o velho sobressaltou-se com o som inconfundível do elevador, que indicava uma visita àquela hora tão inusitada. Uma visita que, estranhamente, não fora anunciada pelo porteiro ou por um dos seus guarda-costas.

Mas quem será? Terá o Dave esquecido alguma coisa importante?

Acalmando com a ideia de que seria o seu fiel secretário — afinal de contas, era o único que poderia entrar naquele andar sem ser anunciado —, Clapton permitiu-se virar costas e voltar a contemplar o negrume que ensombrava os setores.

Ao abrir-se a porta, o presidente do Governo Mundial inquiriu, num tom jovial:

— Estás a ficar velhote, Dave. Do que te esqueceste?

A pergunta do velho ficou sem resposta.

No seu lugar, uma dor lancinante percorreu-lhe os costados, levando-o a perder a força nas pernas e a estatelar-se no chão. Instintivamente, levou a mão enrugada até à origem da dor excruciante, constatando, alarmado, que sangrava profusamente. Não só a sua mão direita se cobria de um líquido viscoso e escarlate, como debaixo do seu corpo se formava uma poça de sangue

que aumentava a cada segundo. Sentindo as entranhas irromperem em chamas à medida que rodava o torso, o velho empresário conseguiu, a muito custo, virar-se na direção da entrada do seu gabinete.

Os seus olhos enrugados e cansados esbugalharam-se ao reconhecer a identidade do homem que o alvejara. Aqueles olhos demoníacos sorriam na sua direção, enquanto voltava a colocar uma pistola negra e de pequenas dimensões no bolso das calças do fato.

Antes de fechar os olhos pela derradeira vez, Clapton expurgou o nome do homem que sabia ser o seu assassino:

— *Jairald Gradl...!*